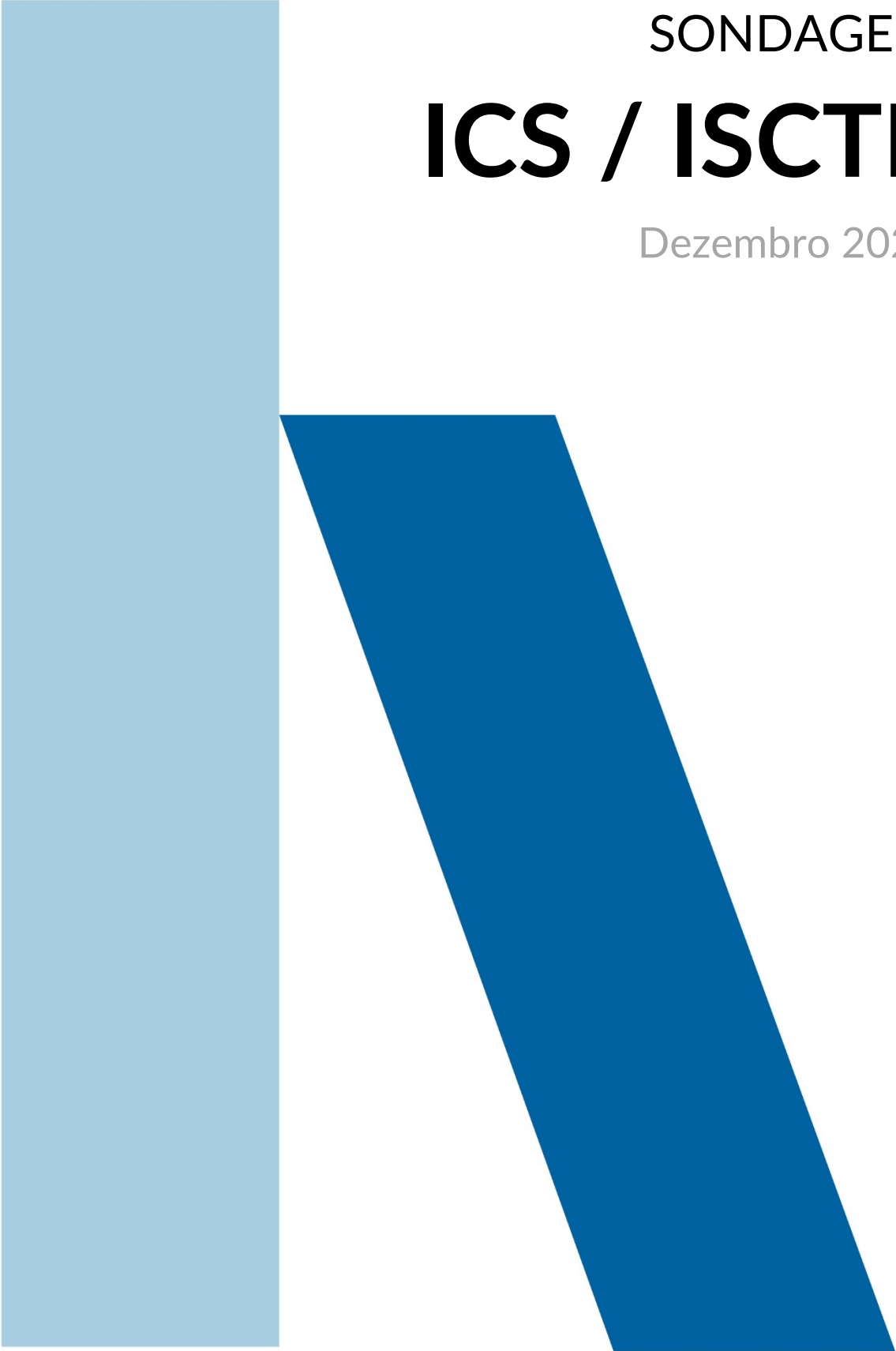




SONDAGEM

ICS / ISCTE

Dezembro 2021

ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Evolução da situação da economia	3
3. Evolução da qualidade dos serviços públicos de saúde	5
4. Evolução da corrupção em Portugal.....	6
5. Avaliação geral da atuação do governo	7
5. Desempenho do governo se tivesse tido o apoio de uma maioria absoluta.....	9
6. Que partido terá mais votos no dia 30 de janeiro?	10
7. Maioria absoluta preferível ou não?	11
8. Preferências na ausência de uma maioria absoluta.....	13
9. Avaliações de figuras políticas	15
10. Perceções de características pessoais de António Costa e Rui Rio	18
11. Intenção de voto em eleições legislativas.....	19
11.1 Resultados brutos.....	19
11.2 Resultados brutos por simpatia partidária	20
11.3 Após imputação de indecisos e recusas	21

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias **10 e 20 de dezembro de 2021**. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 103 pontos de amostragem onde se iniciaram caminhos aleatórios para a seleção de domicílios onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

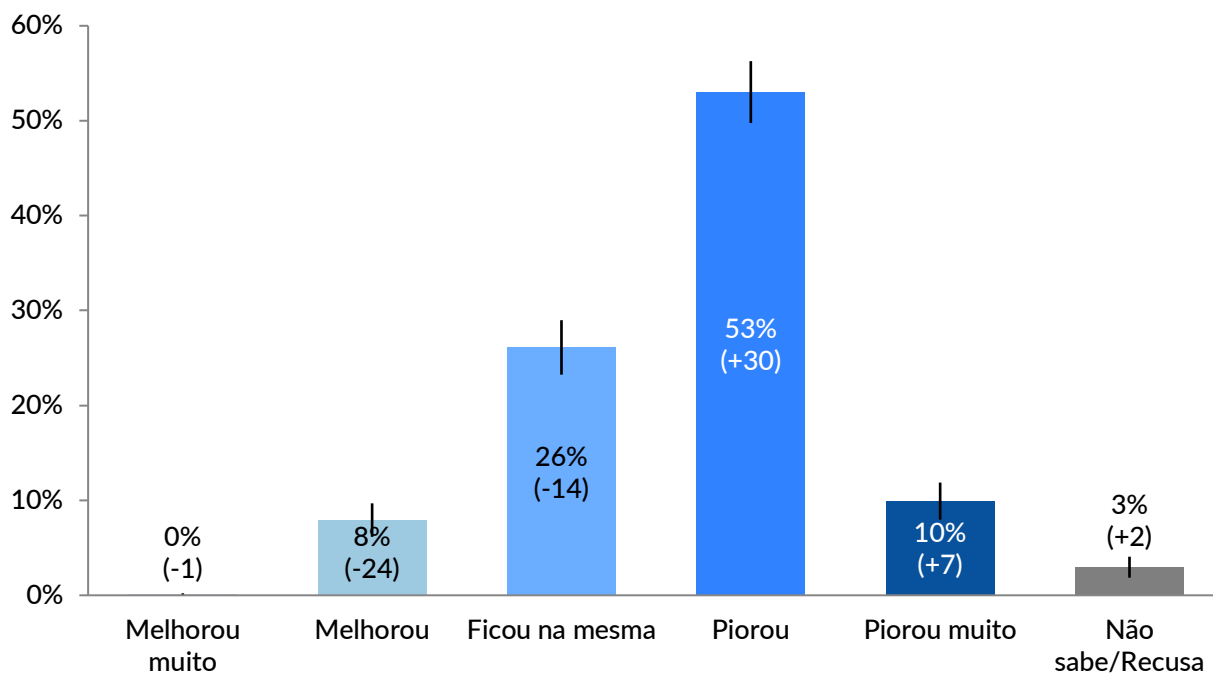
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram realizadas 3538 tentativas de contacto, das quais se apurou que 259 correspondiam a situação não elegíveis. Foram obtidas **901** entrevistas válidas (taxa de resposta de 27%, taxa de cooperação de 38%). O trabalho de campo foi realizado por 39 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 9). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 901 inquiridos é de +/- 3,3%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso site.

2. Evolução da situação da economia

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro 2019

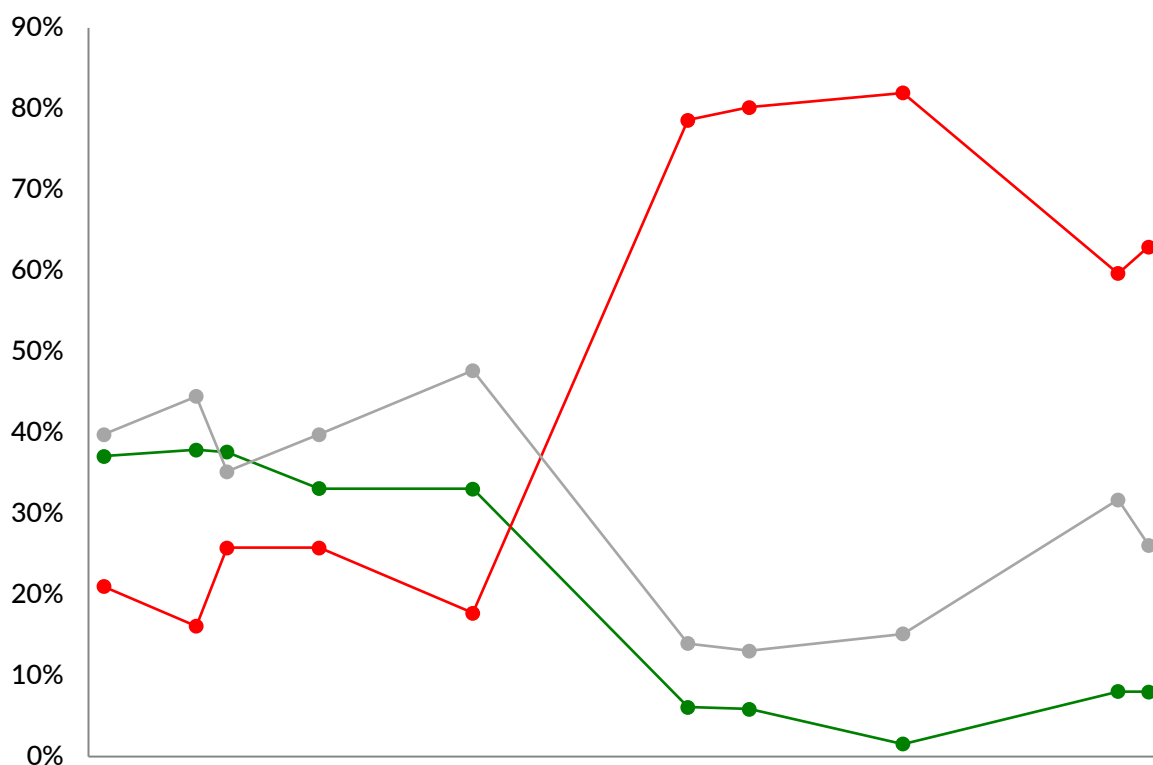


Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

A maioria dos inquiridos considera que a situação da economia em Portugal piorou (53%) ou que piorou muito (10%). Apenas 8% dos inquiridos consideram que melhorou no último ano, enquanto 26% pensam que ficou na mesma. Quando se olha para a evolução das perceções sobre a situação económica face ao estudo ICS/ISCTE de setembro de 2019 (realizado aproximadamente um mês antes das anteriores eleições legislativas) deteta-se uma diminuição da percentagem de inquiridos que acham que a economia tem melhorado (de 33% para 8%, uma queda de 24 pontos percentuais) e um aumento muito expressivo daqueles que consideram que a economia piorou ou piorou muito (de 28% para 63%, o que representa um acréscimo de 37 pontos percentuais). A percentagem de inquiridos que consideram que a economia ficou na mesma é 14 pontos percentuais mais baixa (de 40% para 26%).

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.



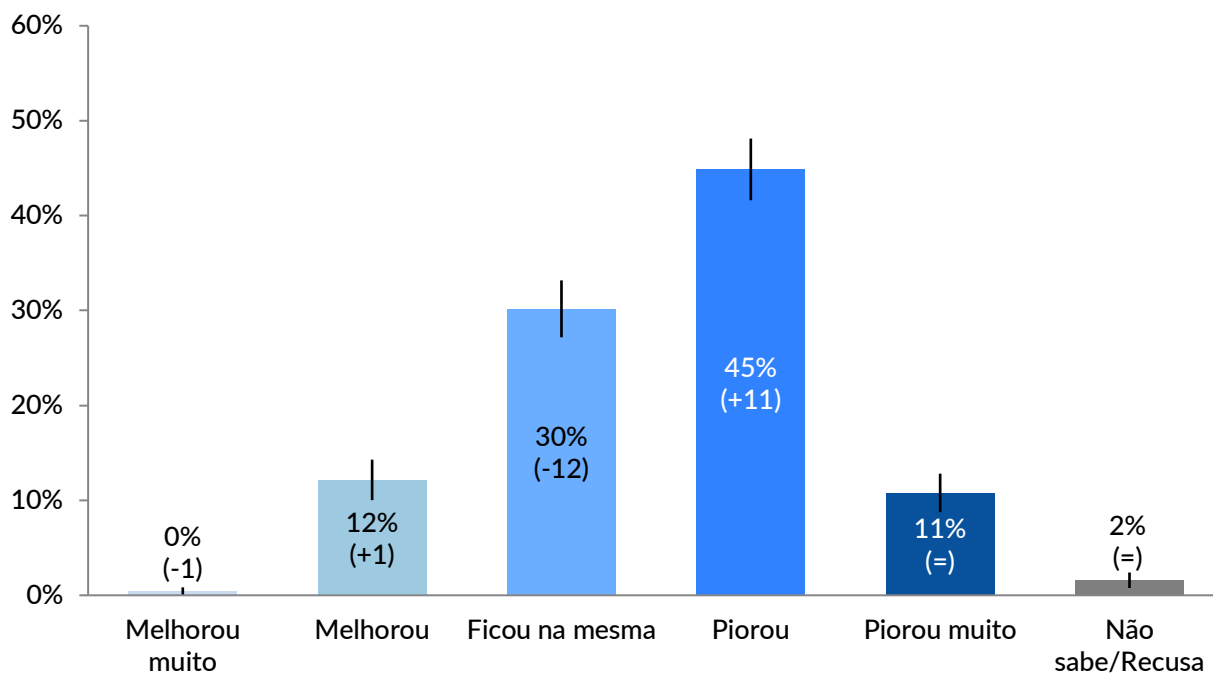
	21/02/19	03/05/19	27/06/19	05/09/19	05/02/20	24/09/20	25/11/20	16/04/21	01/11/21	20/12/21
● Melhorou	37%	38%	38%	33%	33%	6%	6%	2%	8%	8%
● Piorou	21%	16%	26%	26%	18%	79%	80%	82%	60%	63%
● Na mesma	40%	45%	35%	40%	48%	14%	13%	15%	32%	26%

A análise de todos os estudos ICS/Iscte em que se fez esta pergunta torna evidente que os inquiridos mudaram de opinião sobre a evolução da economia a entre fevereiro e setembro de 2020, momento em que a larga maioria dos inquiridos passou a considerar que a economia piorara ao longo do último ano. Ainda assim, nos últimos meses, a percentagem de inquiridos que consideram ter havido piorias diminuiu (de 82% em abril de 2021 para 63% neste estudo), com uma maior percentagem a considerar que a economia nacional ficou na mesma (de 15% para 26% no mesmo período).

3. Evolução da qualidade dos serviços públicos de saúde

"Falando sobre a qualidade dos serviços públicos de saúde no último ano, diria que melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro 2019



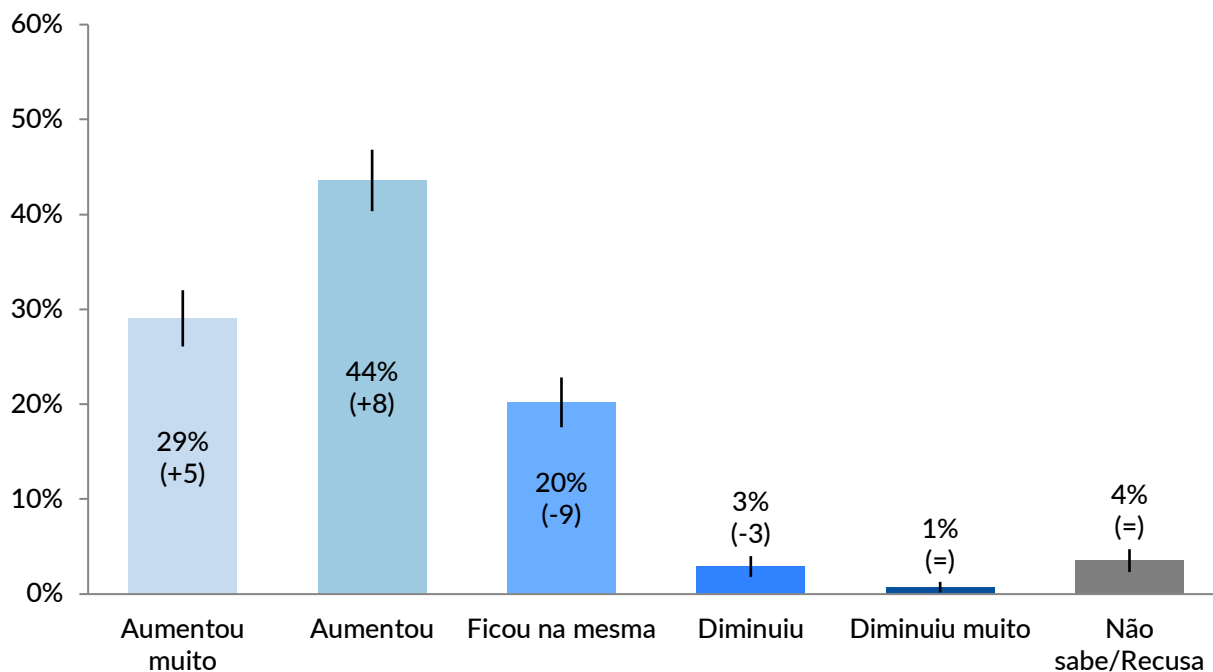
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

56% dos inquiridos consideram que a qualidade dos serviços públicos de saúde piorou no último ano, enquanto apenas 12% dos inquiridos consideram que a qualidade do sistema de saúde melhorou e 30% pensam que a situação ficou na mesma. Em comparação com setembro de 2019, a principal diferença é o aumento da proporção dos que consideram que a qualidade destes serviços piorou (mais 11 pontos percentuais), acompanhado por uma redução de idêntica magnitude dos que acham que não houve qualquer evolução durante o lapso temporal considerado (menos 12 pontos percentuais).

4. Evolução da corrupção em Portugal

"Falando agora sobre o nível de corrupção em Portugal: no último ano, diria que o nível de corrupção em Portugal aumentou muito, aumentou, ficou na mesma, diminuiu ou diminuiu muito?"

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro 2019



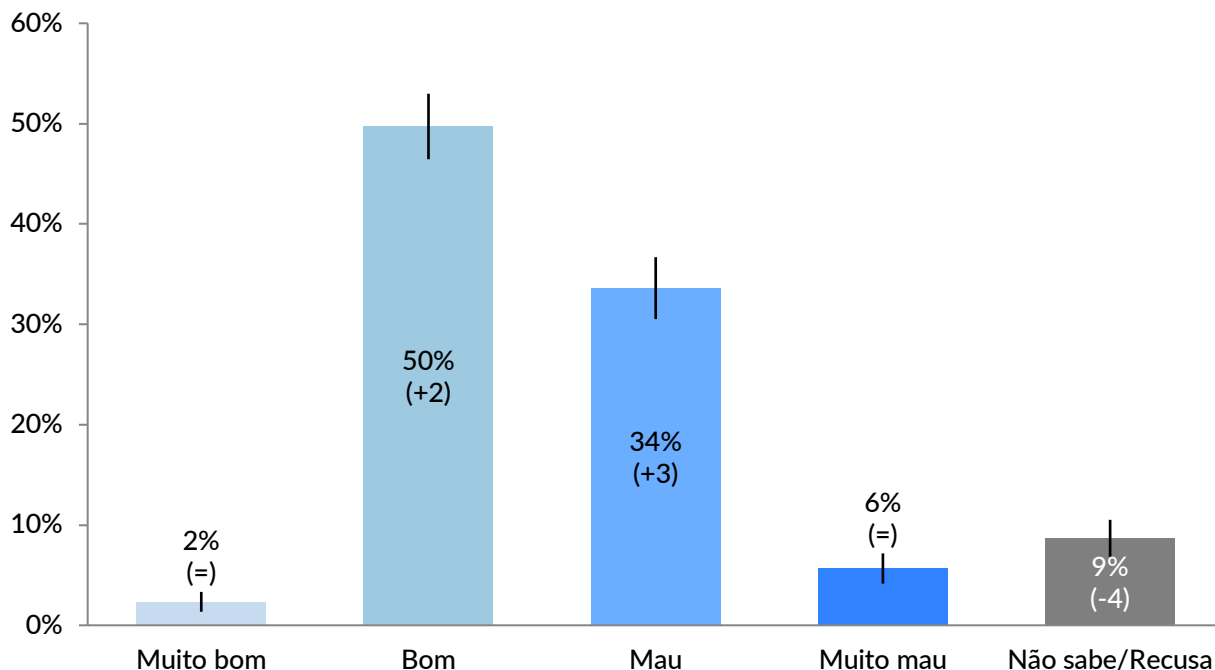
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

73% dos inquiridos pensam que, no último ano, a corrupção em Portugal aumentou, enquanto 20% consideram que a situação se manteve, e apenas 4% são da opinião que a corrupção terá diminuído. Esta é uma área onde as opiniões negativas se acentuaram face a setembro de 2019, com um aumento de 13 pontos percentuais na proporção de inquiridos que consideram que a corrupção aumentou ao longo do ano anterior.

5. Avaliação geral da atuação do governo

"Pensando no desempenho geral do actual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com Set. 2019

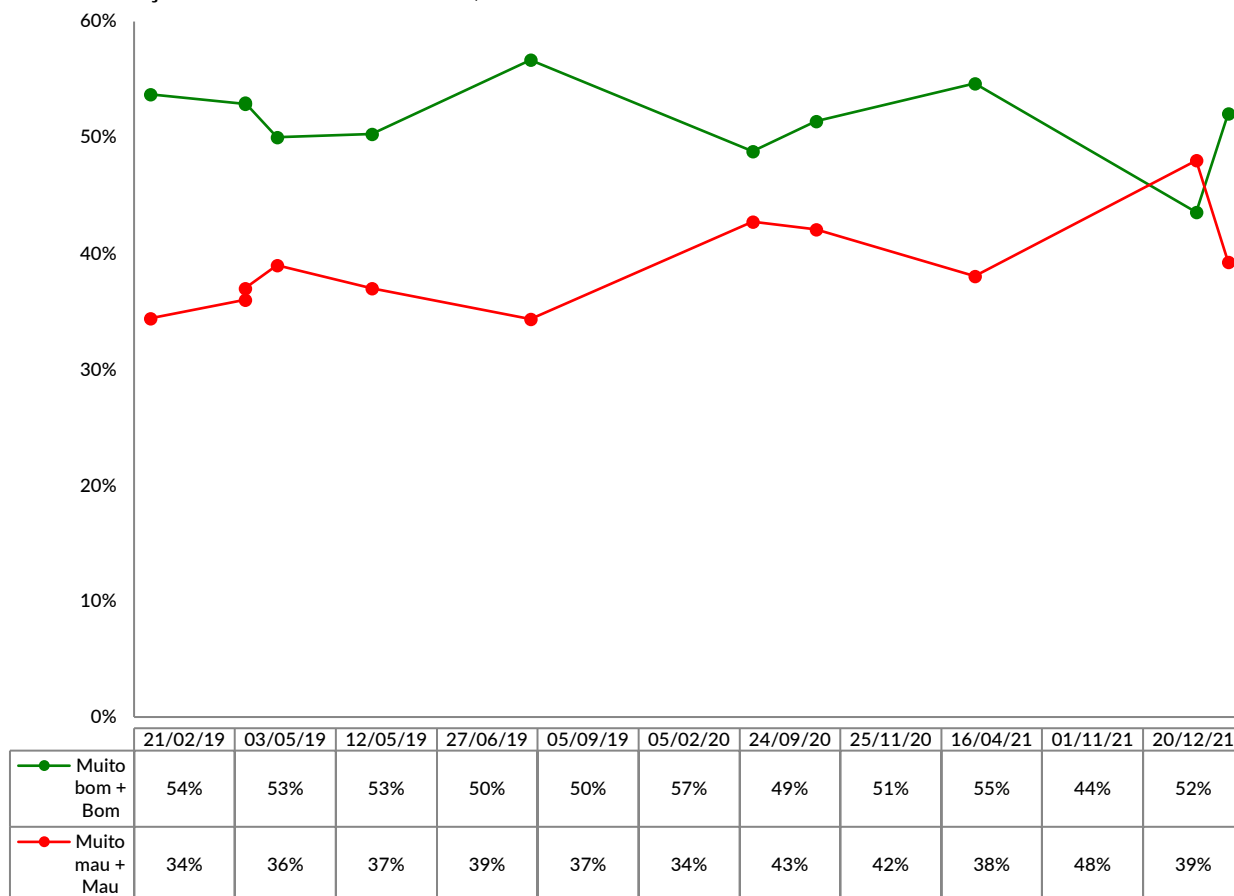


Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

52% dos inquiridos consideram que o desempenho do governo tem sido “Bom” ou “Muito Bom”, enquanto 40% têm a opinião contrária, e 9% não sabem ou não respondem à pergunta. Em relação a setembro de 2019, as avaliações de “Bom” cresceram 2 pontos percentuais, ao passo que as avaliações de “Mau” cresceram 3 pontos percentuais; a redução (4 pontos percentuais) deu-se nos inquiridos que não sabem/recusam responder.

Governo está a fazer um trabalho "muito bom"/"bom" vs. "muito mau"/"mau"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha

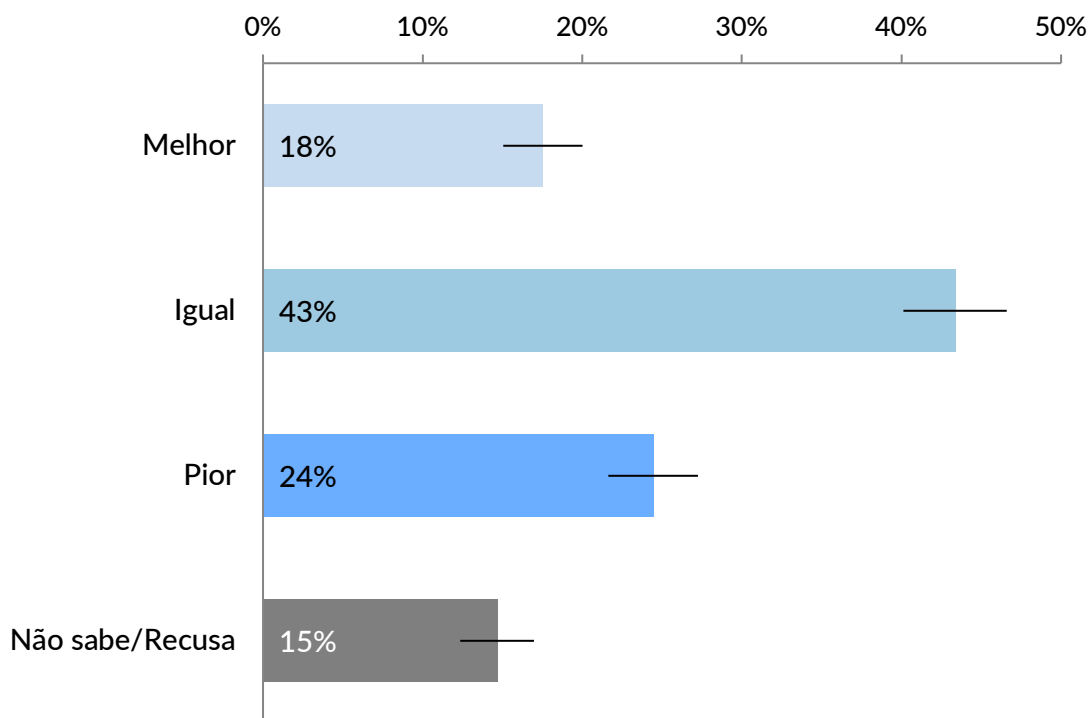


A percentagem de inquiridos com uma opinião positiva aproxima-se da opinião expressa em abril (55%), com uma clara recuperação face a novembro passado (44%) momento em que as opiniões negativas haviam ultrapassado as positivas. Já a percentagem daqueles que consideram que o governo de António Costa tem um mau desempenho diminuiu em relação a novembro, de 48% para 39%.

5. Desempenho do governo se tivesse tido o apoio de uma maioria absoluta

Imagine que o Partido Socialista tinha obtido uma maioria absoluta em 2019: acha que o desempenho do governo teria sido melhor, igual, ou pior?

% em relação ao total da amostra



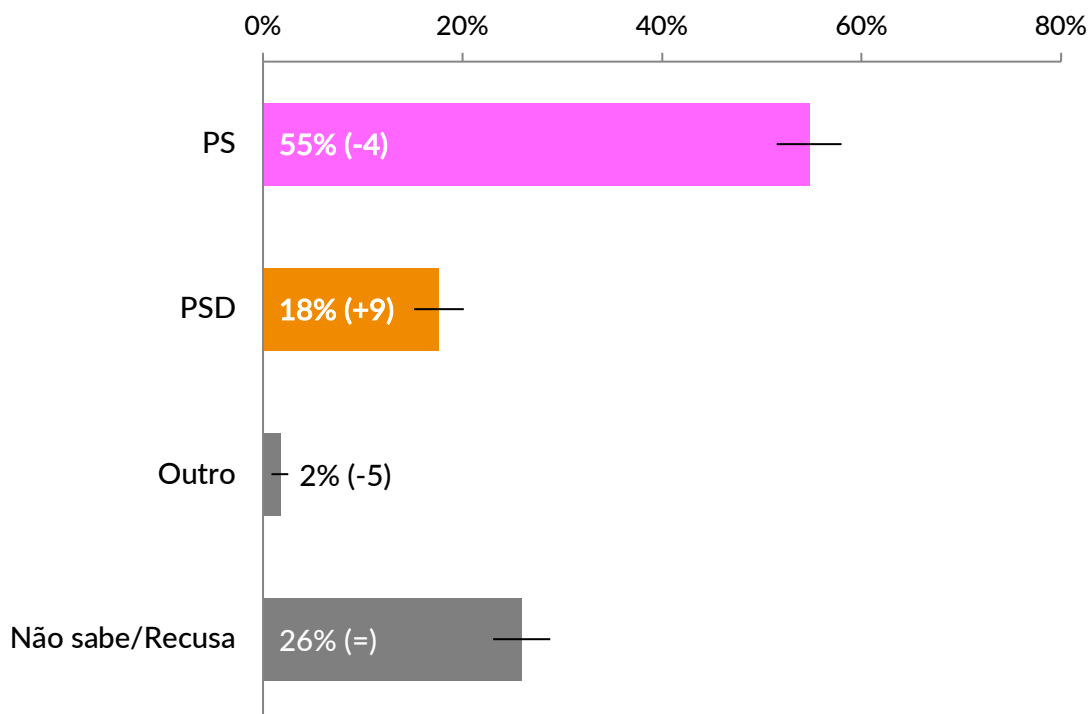
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade

Pouco menos de um quinto dos inquiridos considera que, se o PS tivesse tido uma maioria absoluta em 2019, o desempenho do governo teria sido melhor. De facto, a opinião mais prevalecente é que a maioria absoluta não é um fator relevante: 43% dos inquiridos consideram que o desempenho do governo teria sido igual. Por outro lado, 24% defendem que teria sido pior. É de assinalar que 15% dos inquiridos não souberam ou recusaram responder a esta questão.

6. Que partido terá mais votos no dia 30 de janeiro?

No dia 30 de janeiro terão lugar as eleições legislativas para formar Governo. Que partido acha que vai ter mais votos nessas eleições?

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro 2019



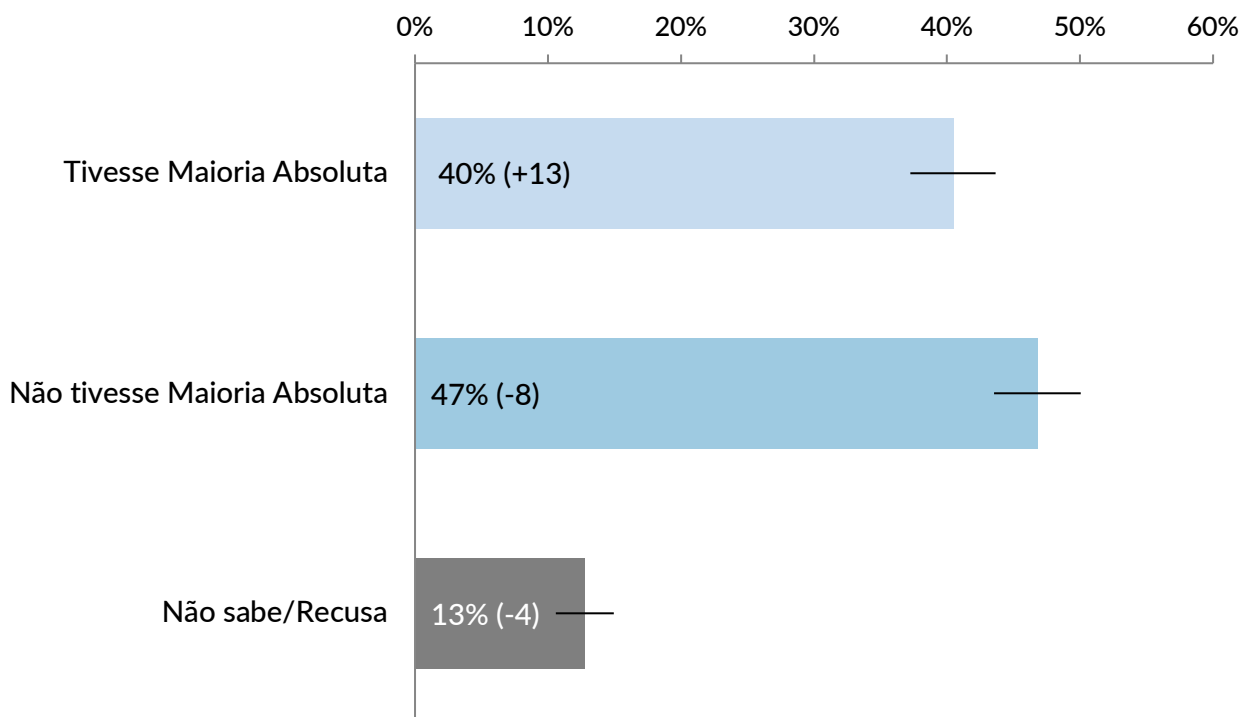
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade

A expectativa da maioria dos inquiridos (55%) à data da realização deste estudo era a de que o PS venha a ser o partido mais votado nas próximas eleições legislativas, sendo esta uma proporção pouco mais baixa que a identificada em setembro de 2019, também nas vésperas de uma eleição legislativa (59%). Apenas 18% dos inquiridos acredita que será o PSD a ter mais votos. Contudo, em comparação com o inquérito de setembro de 2019, a proporção de inquiridos que perspetiva uma vitória do PSD duplicou. Por fim, cerca de um em cada quatro inquiridos diz não saber ou recusa responder.

7. Maioria absoluta preferível ou não?

No geral, acha que seria melhor que o partido vencedor tivesse uma maioria absoluta dos deputados ou seria melhor que não tivesse uma maioria absoluta?

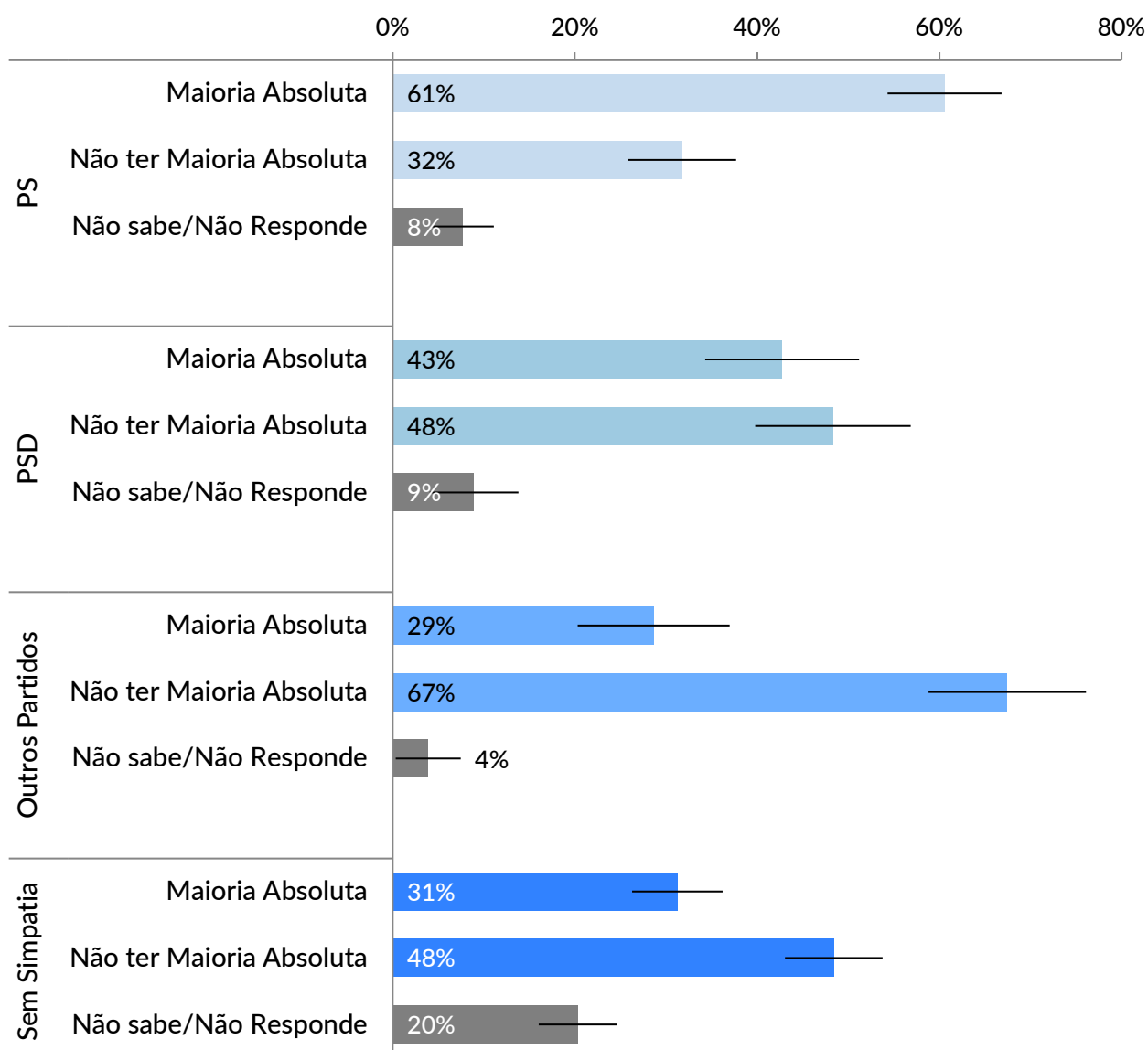
% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro 2019



Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade

A maioria dos inquiridos (47%) afirma que seria melhor que o partido vencedor nas legislativas não tivesse maioria absoluta, embora em setembro de 2019 a percentagem de inquiridos que partilhava desta opinião fosse superior (55%). São agora 40% os que são favoráveis à maioria absoluta do partido vencedor, uma subida de 13 pontos percentuais em relação a setembro de 2019 (27%).

No geral, acha que seria melhor que o partido vencedor tivesse uma maioria absoluta dos deputados ou seria melhor que não tivesse uma maioria absoluta? (por simpatia partidária)
% em relação ao total dos simpatizantes dos partidos



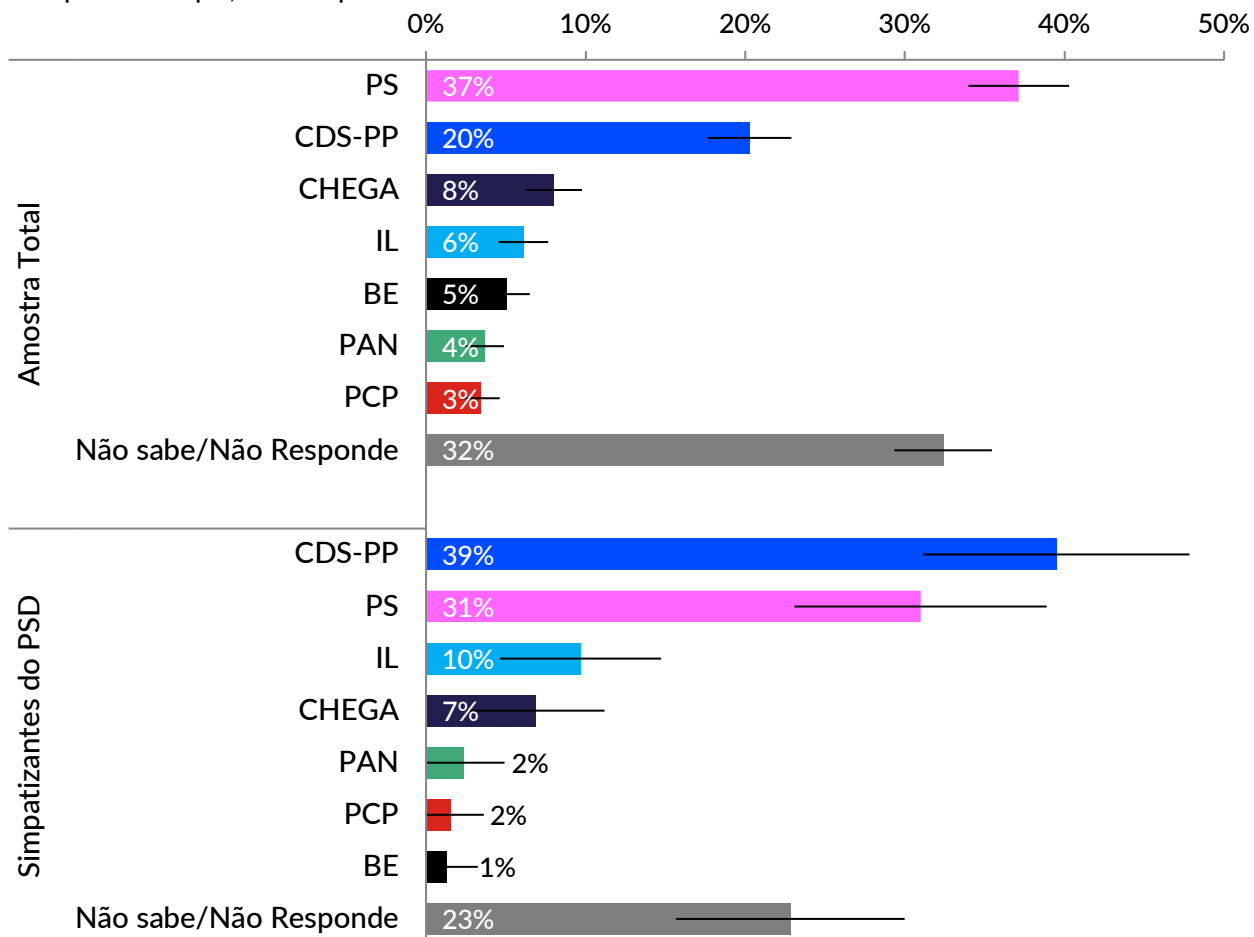
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

São os simpatizantes do PS (61%) quem mais defende as vantagens de uma maioria absoluta do partido vencedor, face a apenas 43% dos eleitores do PSD. Os eleitores de outros partidos ou que declaram não ter nenhuma simpatia tendem a privilegiar a inexistência de maiorias absolutas. De notar que em setembro de 2019 apenas 41% dos eleitores do PS declaravam ter preferência por maioria absoluta.

8. Preferências na ausência de uma maioria absoluta

"Imagine que depois das eleições nenhum partido tem maioria absoluta e **Rui Rio** é indicado para formar governo. Na sua opinião, com quem deveria negociar para obter apoio para governar?"

% em relação ao total da amostra e do subgrupo de simpatizantes do PSD; questão de resposta múltipla, soma superior a 100%

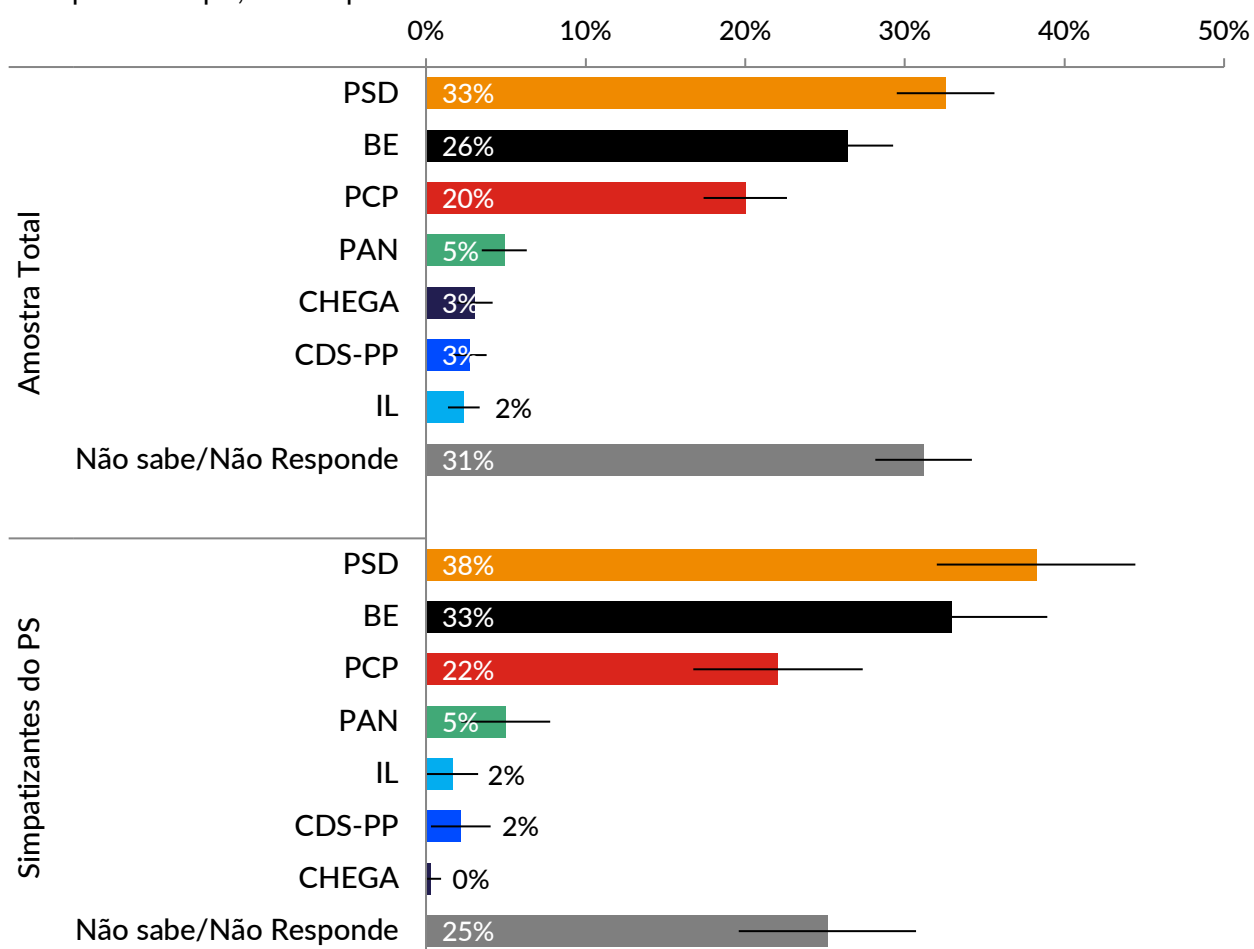


Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

Caso Rui Rio fosse chamado a formar governo, 37% dos inquiridos entendem que deveria negociar com o PS para a formação do governo, ao passo que 20% indicam o CDS-PP. Apenas 8% defendem que Rui Rio deveria negociar com o Chega. De realçar que 32% dos inquiridos não sabem ou não respondem. Se olharmos apenas para os simpatizantes do PSD, 39% defendem negociações com o CDS e 31% com o PS, grupo três vezes superior ao dos que privilegiam a Iniciativa Liberal (10%).

"Imagine que depois das eleições nenhum partido tem maioria absoluta e **António Costa** é indicado para formar governo. Na sua opinião, com quem deveria negociar para obter apoio para governar?"

% em relação ao total da amostra e do subgrupo de simpatizantes; questão de resposta múltipla, soma superior a 100%



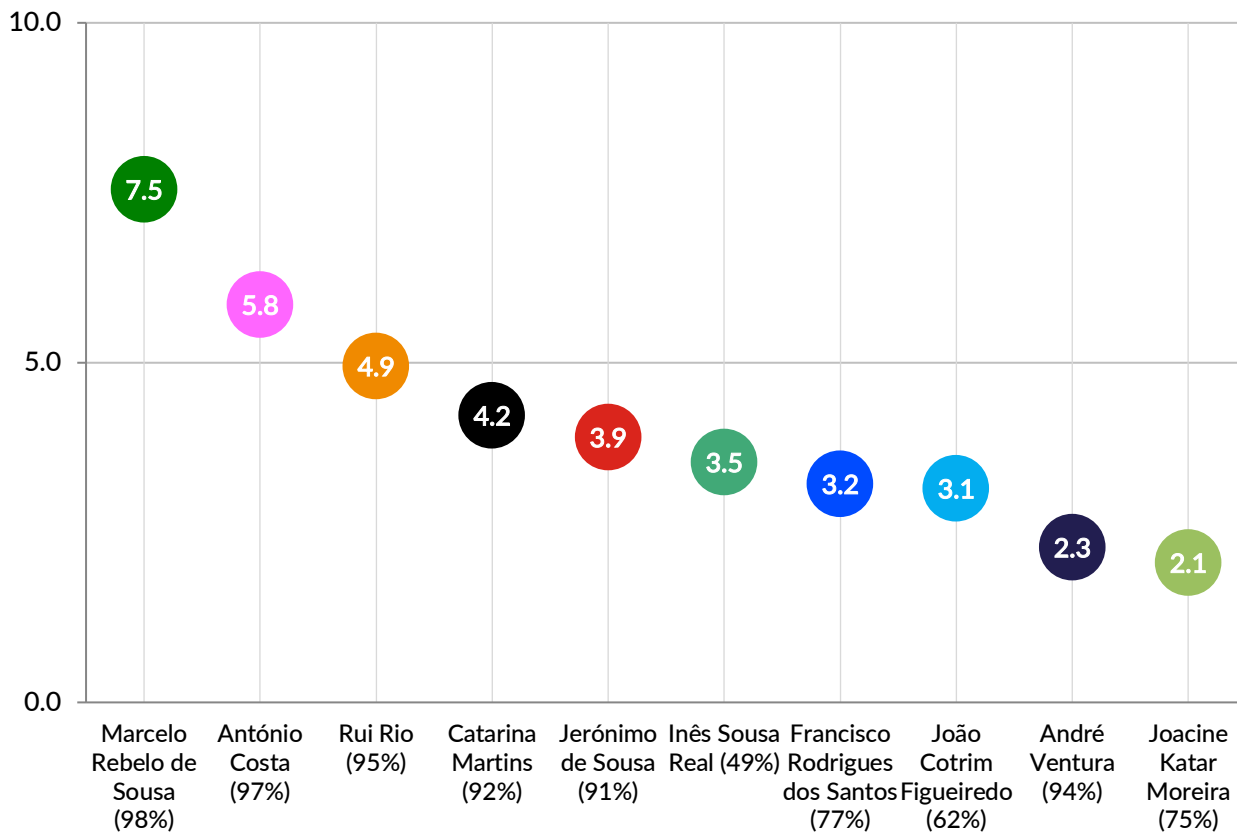
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

Caso António Costa fosse chamado a formar governo, 26% indicam preferência por uma negociação com o Bloco e 20% com o PCP. A negociação com o PSD é indicada por 33% dos inquiridos. De realçar que 31% dos inquiridos não sabem ou não respondem. De entre os simpatizantes do PS a preferência vai para negociações à esquerda — 33% com o BE, proporção superior à dos que privilegiam uma negociação com o PCP (22%). O PSD é apontado por 38% dos simpatizantes do PS. O PAN recebe resposta favorável de 5% dos inquiridos tanto a nível global como entre os simpatizantes do PS.

9. Avaliações de figuras políticas

Avaliação da actuação recente de figuras políticas, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação

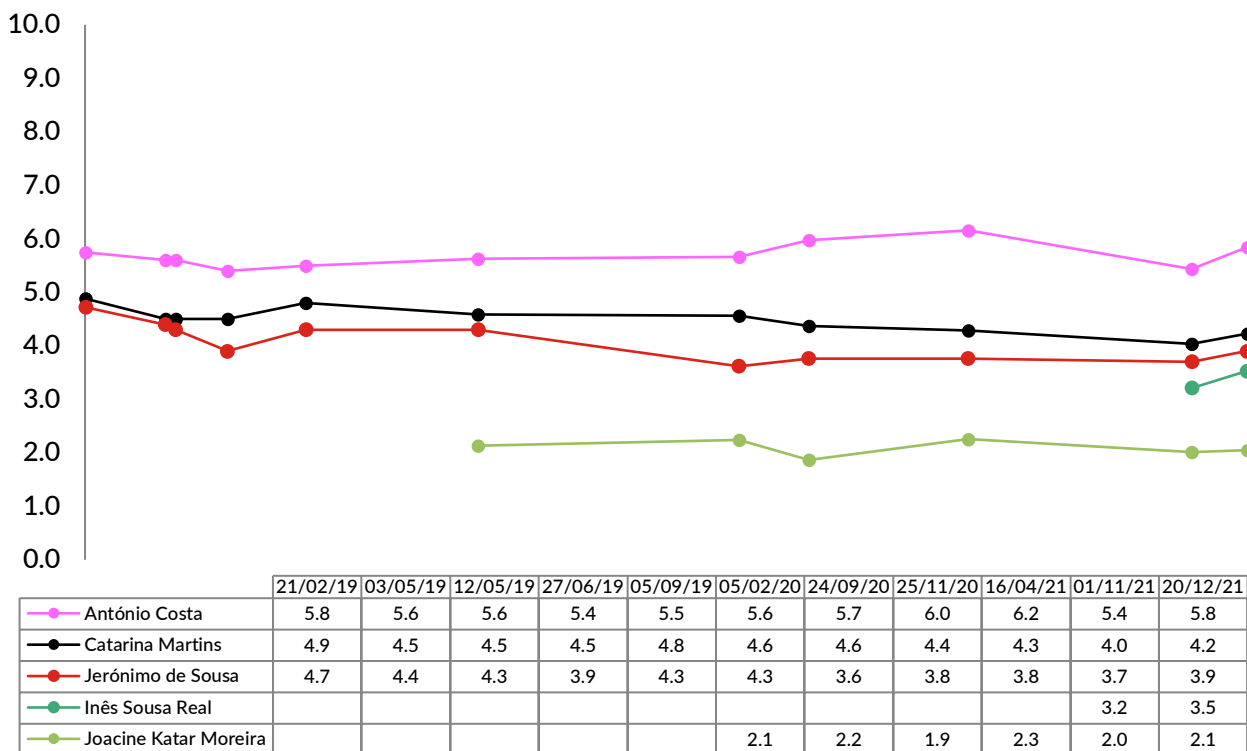


Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021.

Marcelo Rebelo de Sousa é o líder político cuja atuação recente é mais bem avaliada pelos inquiridos (7,5). Seguem-se António Costa (5,8) e Rui Rio (4,9), o primeiro acima do ponto médio da escala (5) e o segundo colado a esse ponto. De notar que, no estudo de setembro de 2019, a atuação de Rui Rio recebia uma avaliação média muito inferior (3,7). Depois temos Catarina Martins (4,2), Jerónimo de Sousa (3,9), Inês Sousa Real (3,5), Francisco Rodrigues dos Santos (3,2) e João Cotrim de Figueiredo (3,1). As figuras avaliações mais baixas são André Ventura (2,3) e Joacine Katar Moreira (2,1).

Evolução da avaliação média da actuação recente de figuras políticas de esquerda/centro-esquerda, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

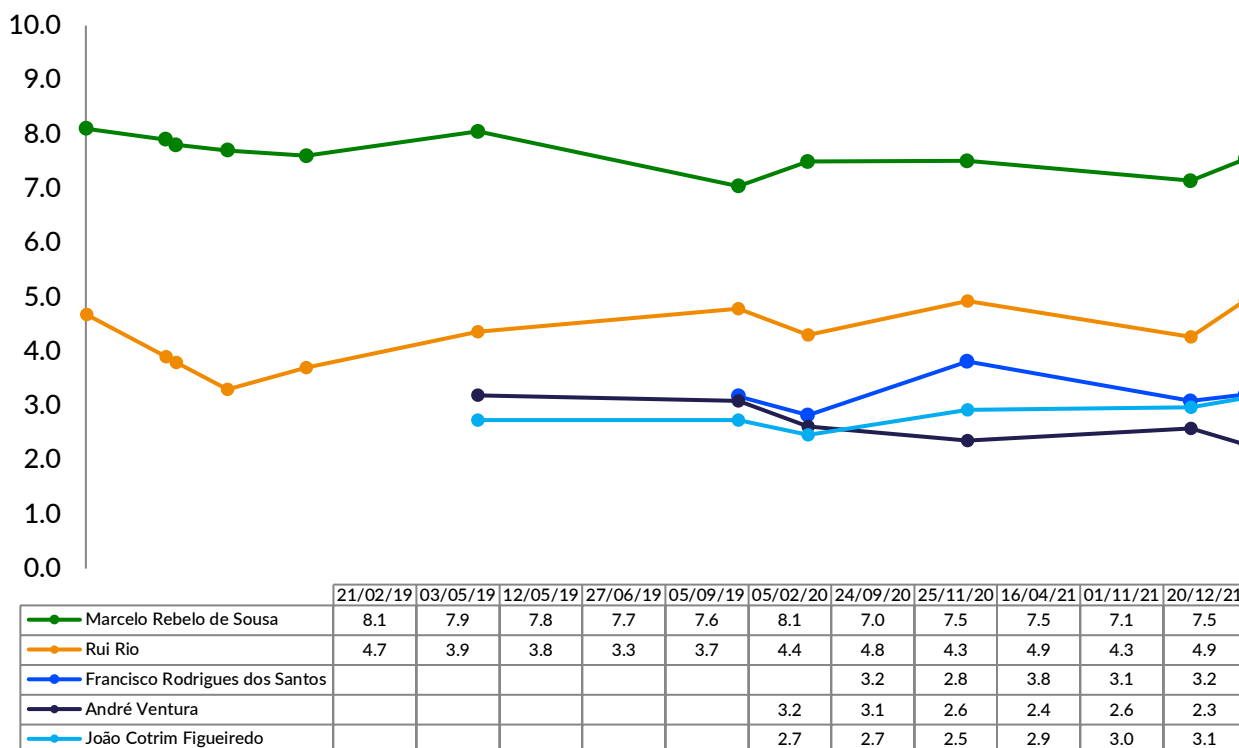
Avaliações médias dos inquiridos com respostas válidas



Ao longo dos últimos quase três anos, as variações nas avaliações feitas sobre a atuação dos líderes dos partidos de esquerda/centro-esquerda têm sido reduzidas. António Costa tem persistentemente atingido uma avaliação média em torno de 6, enquanto os restantes líderes apresentam linhas quase paralelas, mantendo praticamente inalterada a sua pontuação média absoluta, assim como o posicionamento relativo face aos outros.

Evolução da avaliação média da actuação recente do Presidente e das lideranças dos partidos de direita/centro-direita, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliações médias dos inquiridos com respostas válidas;

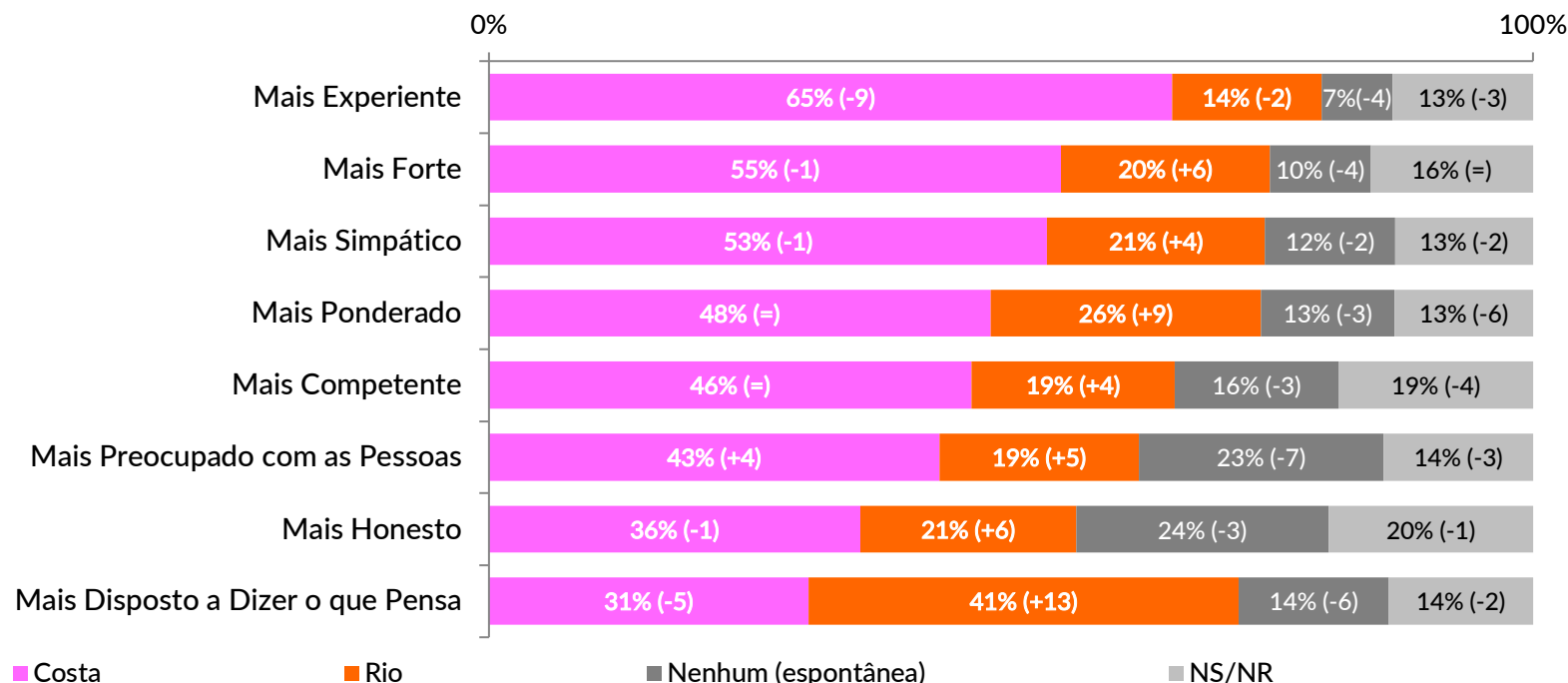


Ao longo dos últimos quase três anos, as variações nas avaliações feitas sobre a atuação dos líderes dos partidos de direita/centro-direita têm sido alvo de ligeiras alterações. O presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, tem mantido uma avaliação muito acima dos restantes, oscilando entre os 7 e 8 pontos de média. Já Rui Rio, que apresentava 4,7 pontos em fevereiro de 2019, baixou até 3,3 em junho do mesmo ano, desde então tem tido uma tendência ascendente, estando neste momento no ponto máximo (4,9). De notar que João Cotrim de Figueiredo tem tido uma tendência ligeiramente ascendente, ao passo que André Ventura tem estado em queda.

10. Perceções de características pessoais de António Costa e Rui Rio

"Vou falar-lhe de algumas características pessoas dos líderes dos dois maiores partidos. Qual deles, António Costa ou Rui Rio, lhe parece ser..."

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com setembro de 2019



Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021

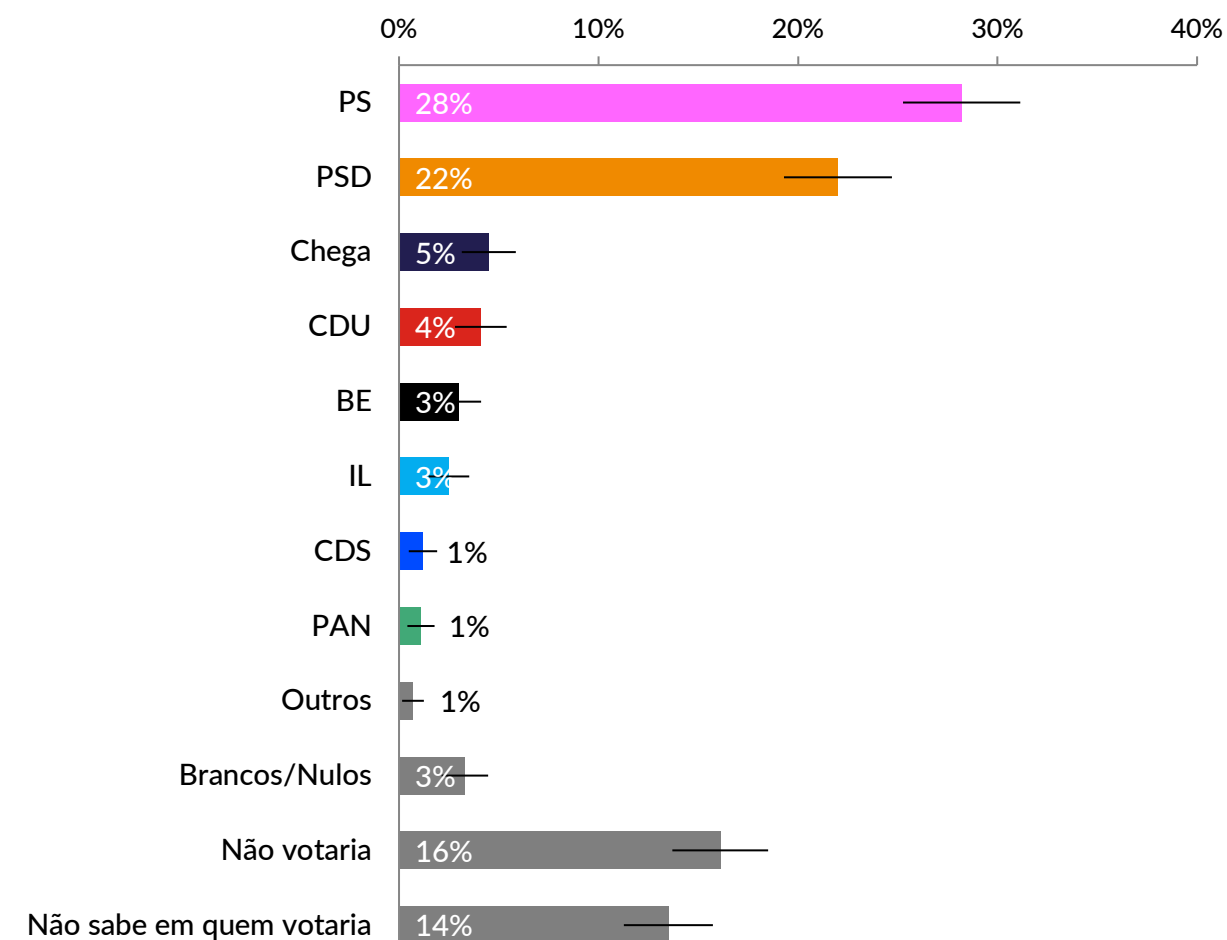
Neste estudo, os inquiridos foram convidados a comparar António Costa e Rui Rio em termos de uma série de características pessoais consideradas importantes para um líder político. Em geral, há mais inquiridos a selecionarem Costa como o que mais dispõe de cada uma das características consideradas, com exceção para “estar disposto a dizer o que pensa”, onde Rio (41%) é beneficiado face a Costa (31%). Ainda assim, face a setembro de 2019, a proporção de inquiridos que seleciona Rio aumentou na maioria das características de liderança consideradas. As diferenças mais expressivas, e favoráveis a Costa, encontram-se quando se pergunta qual deles é um líder mais “forte”, mais “experiente” e mais “simpático”. Costa é também visto por mais inquiridos como um líder “honesto” e que se “preocupa com as pessoas”. De realçar que 24% consideram que nenhum dos dois é honesto e 23% afirmam que nenhum deles se preocupa com as pessoas. A taxa de não-respostas a estas questões variam entre 13% (mais experiente) e 20% (mais honesto).

11. Intenção de voto em eleições legislativas

11.1 Resultados brutos

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total da amostra



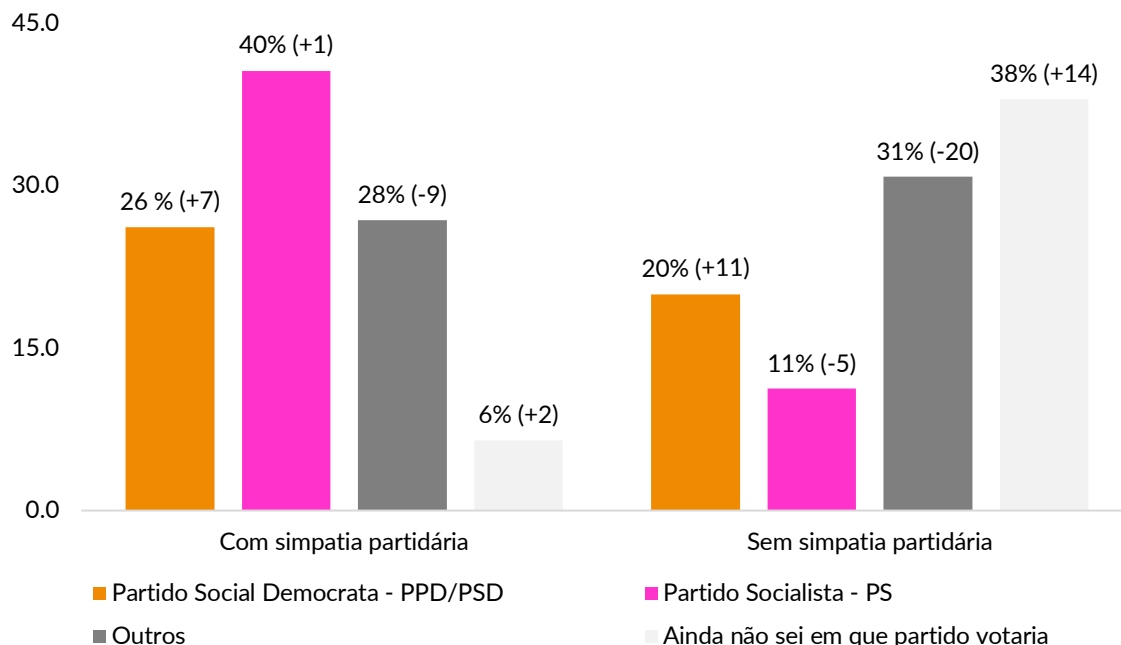
Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade. "Não votaria" inclui eleitores que dizem ter a certeza que não votarão nas próximas eleições e que respondem "em geral nunca voto" numa pergunta sobre voto passado.

Questionados sobre como votariam se as eleições legislativas fossem hoje, cerca de 14% dos inquiridos afirmam não saber ou recusam responder, uma percentagem igual à encontrada no estudo de setembro de 2019. Neste inquérito, 16% dos inquiridos são contabilizados como "abstencionistas", o que significa que afirmam que não costumam votar e/ou não tencionam votar/não votariam nesta eleição. Importa notar que este valor **não é diretamente comparável a possíveis valores oficiais de abstenção eleitoral**: os abstencionistas têm menor propensão a responder a estudos de opinião, a intenção de não votar tende a não ser plenamente assumida e a abstenção oficial é superior à abstenção "real" (devido ao fenómeno da chamada "abstenção técnica"). Para além dos partidos listados no gráfico, houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, nos seguintes partidos: Aliança, JPP, Livre, MAS, NC, PPV/CDC PCTP/MRPP, MPT, PDR, ERGUE-TE, PPM, PTP, PURP, RIR E VP cuja intenção de voto está agregada em "outros".

11.2 Resultados brutos por simpatia partidária

Distribuição dos votos no PS e PSD de acordo com ter ou não ter uma simpatia partidária

% em relação aos votos sem imputação; entre parêntesis, comparação com setembro 19



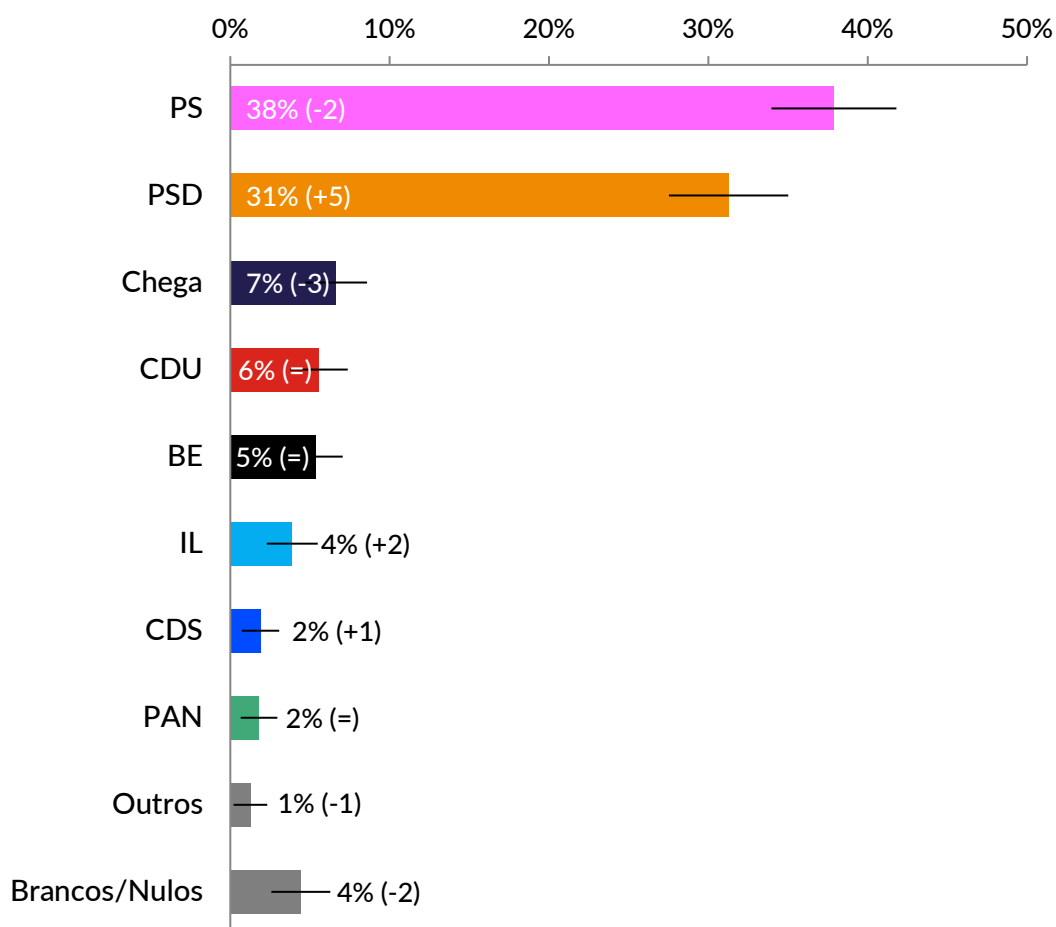
Entre os inquiridos que declaram ter uma simpatia partidária, 40% dizem tencionar votar no PS, valor idêntico ao verificado em setembro de 2019 (39%). Por outro lado, 26% declaram tencionar votar no PSD, o que constitui um aumento de 7 pontos percentuais face a setembro de 2019. Há ainda 6% que dizem não ter decidido para estas eleições. Os restantes 28% das intenções de voto vão para outros partidos, com uma quebra de 9 pontos percentuais face a setembro de 2019.

Já entre os inquiridos que declaram não ter nenhuma simpatia partidária, 38% ainda não decidiram em quem votar, sendo este um valor 14 pontos percentuais mais elevado face ao observado em setembro de 2019. O PSD arrecada 20% das intenções de voto destes eleitores, mais 11 pontos percentuais que em setembro de 2019, e o PS acolhe 11% dessas intenções, o que representa uma queda de 5 pontos percentuais face a 2019. Também em queda se encontram os outros partidos: foram escolhidos por 31% dos inquiridos sem identificação partidária, uma quebra de 20 pontos percentuais face a setembro de 2019.

11.3 Após imputação de indecisos e recusas

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total da amostra; entre parêntesis, comparação com Novembro de 2021 (última sondagem ICS/Iscte)



Recolha: 10 a 20 de dezembro de 2021. Valores são arredondamentos à unidade.

Para fins de comparação das intenções de voto obtidas com o formato convencional da distribuição de votos num ato eleitoral, foi preciso lidar com os cerca de 14% de inquiridos que declararam não saber em quem votariam ou que se recusaram a usar o boletim de voto. A opção seguida aqui foi a de utilizar uma metodologia de imputação. Simplificando, isto implica atribuir aos “indecisos” uma intenção de voto em cada partido, branco/nulo ou uma intenção de não votar, com base numa comparação entre algumas das suas características (sexo, idade, instrução, posicionamento na escala esquerda/direita e simpatia partidária, declararam ter-se absterido de votar na eleição anterior, a sua frequência de assistência a serviços religiosos e a pertença a sindicatos ou associações profissionais) e as características daqueles que declararam uma intenção de voto ou de abstenção no inquérito. Após atribuição de intenções de comportamento eleitoral aos “indecisos”, o PS (38%) aparece com mais intenções de voto válidas do que o PSD (31%). Se compararmos com a última sondagem ICS/Iscte, de novembro deste ano, o PS caiu 2 pontos percentuais e o PSD subiu 5 pontos, fazendo com a vantagem do PS tenha passado de 14 para 7 pontos. De notar que o Chega regrediu 3 pontos percentuais e que tanto a CDU como o BE permaneceram estáveis.

